

Nach ponedielnik, nº 37, 1923, p. 4

Notas sobre o teatro judaico

L. S. Vygótski

Os espetáculos da companhia judaica se encerraram com a montagem de *Motke Ganev*¹ de Asch, anunciada como uma interessante novidade. Uma adaptação (pouco hábil) do antigo romance de Asch, essa peça é a última pincelada cinzenta no quadro do nosso teatro judaico.

Os maus caminhos do repertório, a crise da direção e do elenco, a própria teatralidade arcaica e até o translúcido camarismo² formam um estranho conjunto. Se esses espetáculos não fossem um assunto sério e alegre, eles poderiam ser apenas entretenimento bom e saudável, aquela diversão que todos concedem a si mesmos.

Nem isso existiu.

Entretanto, a culpa não é absolutamente do material humano. Como a questão seria simples se tudo se resumisse ao fato de que por dois meses tenhamos recebido uma companhia ruim, que reúne atores não talentosos. Despeçamo-nos dela e esperemos outras.

Mas, em primeiro lugar, havia atores talentosos entre eles. Ainda que eu nem sempre chegasse a opinar sobre suas homenagens, se era *extremamente difícil* escrever sobre eles e se acontecia de frequentemente calar-me, isto se deve ao fato de que a questão não é tão simples e sequer reside unicamente na qualidade do material humano.

¹ Sholem Asch (1880-1957) escritor e dramaturgo judeu. Escrevia em ídiche. O romance social *Motka ganev* (O ladrão de Motke) conta uma história trivial sobre o mundo do crime (cf. *Elektronnaia Evreiskaia Entsiklopediia* – <http://www.eleven.co.il/article/10363>).

² No original “kamerschina”, forma depreciativa de “kamera” (teatro de câmara).

Uma boa companhia judaica deste tipo não existe agora em parte alguma, nem poderia existir, e não adianta esperar por outros atores, pois eles não virão, nem nesta nem na próxima temporada, ou mesmo daqui a dois anos.

O desenvolvimento de novas formas no teatro russo acontece juntamente com a preservação dos poderosos blocos teatrais do passado, mas no teatro judaico a força da resistência é insignificante e ele perece diante de nossos olhos.

Essa conclusão significa o seguinte: partiram e pronto, será que este teatro não é necessário absolutamente?

Não. E minhas observações se devem a esse *não*. Não. Será que o espectador não é uma parte inalienável do teatro e não vivencia hoje o mesmo que o ator; será que o espectador judeu não agoniza juntamente com os atores judeus? Mesmo que seja um amor sem alegria, a separação será sofrida. Tanto eles quanto nós sofremos da mesma doença – nós claudicamos igualmente, nos arrastamos agora pelo triste caminho do teatro judaico.

Agora aguardamos com muita impaciência a chegada do teatro de câmara; esperamos a chegada de outro teatro judaico.

Mas não podemos deixar de mandar saudações ao nosso teatro coxo – mil vezes coxo – mas com a nossa coxeadura.